

Partidos descumprem regra de repasse de verba eleitoral para negros e mulheres

Branco reúne até agora 60% do dinheiro público eleitoral; homens, 73%

[\(Folha de S.Paulo | 01/11/2020 | Por Ranier Bragon e Guilherme Garcia\)](#)

A distribuição feita pelos partidos da verba pública de campanha não está cumprindo, até o momento, a regra de divisão proporcional entre homens e mulheres, negros e brancos.

Compilação feita pelo DeltaFolha com base na prestação de contas parcial dos candidatos entregue à Justiça Eleitoral mostra que apesar de pretos e pardos somarem 50% do total de candidatos, eles foram destinatários de cerca de 40% da verba dos fundos Eleitoral e Partidário. Os autodeclarados brancos reúnem 60% do dinheiro, apesar de representarem 48% dos candidatos.

[*Acesse a matéria completa no site de origem.*](#)

‘Vidas negras importam’ chacoalha brasileiros entorpecidos pela rotina de violência racista

Movimento negro cobra adesão permanente da população branca ao debate racial, inspirada nos protestos antirracistas que reverberam dos Estados

Unidos

[\(El País | 07/06/2020 | Por Breiller Pires\)](#)

Foi preciso uma onda de protestos antirracistas nos Estados Unidos para despertar parte da sociedade branca que fecha os olhos diante da violência policial, se acostumou a banalizar o genocídio de jovens negros nas favelas ou a ser complacente com a ausência de representatividade em posições de destaque no Brasil. Muita gente aderiu à versão brasileira de Black Lives Matter (Vidas negras importam), espalhando nas redes sociais hashtags como a #blackouttuesday, mas, além das campanhas de ocasião, o engajamento permanente pela causa antirracista ainda segue restrito às vozes do movimento negro.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Jornalistas negras debatem questão racial em programa histórico na GloboNews

Maju Coutinho, Aline Midlej, Flávia Oliveira, Lilian Ribeiro, Zileide Silva e Heraldo Pereira comentaram os protestos pelo mundo, o racismo no Brasil e dividiram experiências

[\(O Globo | 04/06/2020\)](#)

RIO - O programa Em Pauta da GloboNews realizou nesta quarta-feira um debate histórico. Seis jornalistas negros discutiram a questão racial no Brasil em meio às manifestações ao redor do mundo contra o racismo após [a morte do afro-americano George Floyd por um policial branco](#) em Minneapolis, nos Estados Unidos. Participaram Maju Coutinho, Aline Midlej, Flávia Oliveira,

Lilian Ribeiro, Zileide Silva e Heraldo Pereira. Durante o programa, os profissionais compartilharam suas experiências e reflexões sobre a questão racial.

[Acesse aqui a matéria completa no site de origem.](#)

Mulheres negras precisam se dedicar à casa mais que as brancas, diz IBGE

Menor renda dificulta acesso a creches ou contratação de babás para os filhos

[\(Folha de S.Paulo, 04/06/2020 | Por Nicola Pamplona\)](#)

Com renda menor, mulheres negras têm que se dedicar mais aos cuidados da casa e de filhos e parentes do que as mulheres brancas, segundo pesquisa divulgada nesta quinta (4) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O tempo gasto com afazeres domésticos indica a desigualdade nas condições de trabalho, já que, com menos tempo disponível, as pessoas têm menor chance de se dedicar ao trabalho remunerado ou à qualificação profissional.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Mulheres protestam na Esplanada dos Ministérios, em Brasília: ‘Vidas negras e indígenas importam’

Ato na Praça dos Três Poderes chama atenção para vítimas da Covid-19 no país. Grupo estendeu faixas e bandeiras em frente ao Palácio do Planalto.

[\(G1 DF | 04/06/2020 | Por Marília Marques\)](#)

Mulheres que representam coletivos e organizações sociais fizeram um protesto, na manhã desta quinta-feira (4), na Praça dos Três Poderes, em Brasília. O ato, que começou por volta das 9h, chama a atenção para as 32,6 mil mortes pela [Covid-19](#) no país, em especial a de mulheres negras e indígenas.

Usando máscaras de proteção, o grupo estendeu faixas e bandeiras no local. Um dos cartazes continha dizeres contra o governo federal. “O governo Bolsonaro mata. Mais de 33 mil mortes”.

[*Acesse aqui a matéria completa no site de origem.*](#)

“Ações de enfrentamento à pandemia devem considerar condição de vida e saúde de

negras e negros”, diz sanitaria à ONU Mulheres Brasil

Conforme Karine Santana, determinantes sociais vinculados ao racismo vulnerabilizam a “população negra que está majoritariamente nas periferias vivendo em imóveis insalubres, amontoados, com elevado número de pessoas por cômodos, sem saneamento, sem acesso à água, com seus chefes de família trabalhando na informalidade e sem poder prover as suas necessidades”

[\(ONU Mulheres | 19/05/2020\)](#)

Faz mais de 60 dias que a Organização Mundial de Saúde classificou o [novo coronavírus Covid-19 como pandemia](#), em 11 de março de 2020, instaurando alerta internacional em favor da saúde coletiva para responder à possibilidade de colapso dos serviços de saúde por conta do contágio e à alta de letalidade decorrente da doença. Nove dias depois, em 20 de março, o Congresso brasileiro decretou estado de [calamidade pública](#) decorrente da pandemia.

No início de abril, os primeiros dados passaram a revelar o impacto da pandemia entre a população negra. O [Ministério da Saúde](#) revelou, em 10 de abril, que brancos e brancas eram 73,9% entre as pessoas hospitalizadas com Covid-19, mas 64,5% entre as mortas. Negras e negros representavam quase 1 em cada 4 (23,1%) das pessoas hospitalizadas com Covid-19, mas chegavam a 1 em cada 3 entre as pessoas mortas infectadas pelo novo coronavírus (32,8%). No início de maio, [levantamento da Agência Pública](#) apontou que a quantidade de pessoas negras que morrem por Covid-19 no Brasil quintuplicou.

Em entrevista à ONU Mulheres Brasil, a sanitaria Karine Santana avalia a situação da pandemia Covid-19 no Brasil, o racismo na saúde e as comorbidades da população negra. as medidas precisam ser pautadas na equidade. Qualquer medida distante disso está acirrando a existência do racismo estrutural. Docente de Saúde Coletiva, ela é doutoranda em

Medicina e Saúde na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia e pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero, Raça e Saúde (NEGRAS).

[**Acesse a entrevista completa no site de origem.**](#)

Gênero e raça vulneráveis à violência, por Dandara Tinoco, Renata Giannini e Terine Husek

Desigualdades atingem de maneira desproporcional mulheres negras

[**\(O Globo, 20/11/2019 - acesse no site de origem\)**](#)

Apenas cinco dias separam a celebração do Dia da Consciência Negra no Brasil, 20 de novembro, do Dia Internacional da Não Violência Contra a Mulher, instituído pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas no dia 25 do mesmo mês. O encontro das agendas vai muito além do calendário. Quando se trata de tornar o mundo um lugar mais seguro para mulheres e meninas, não podemos ignorar como identidades sociais se sobrepõem e acentuam vulnerabilidades. Por um lado, é preciso mais atenção para a violência baseada em gênero, inclusive, melhores registros e análises para preveni-la e combatê-la. Por outro, isso se torna ainda mais urgente ao olharmos para a situação de mulheres negras.

Tal afirmação é amparada por dados. Uma análise preliminar de números coletados pela plataforma EVA (Evidências sobre Violências e Alternativas para Mulheres e Meninas), a ser lançada segunda-feira pelo Instituto Igarapé, demonstra que mulheres negras são o maior grupo nos registros de diversos tipos de ocorrências que possuem especificação de raça no Sistema de Saúde no Brasil. Elas somam 57% das vítimas de violência sexual, 51%

das vítimas de violência física e 49% das vítimas de violência psicológica. Enquanto a violência contra as mulheres brancas aumentou 297% entre 2010 e 2017, a contra as mulheres negras registrou crescimento de 409%.

Ao olhar também para os registros feitos pelos estados brasileiros na área de segurança pública, o projeto se deparou com um outro problema: a ausência de dados. Apenas quatro das 24 unidades da Federação que enviaram informações apresentaram o recorte por raça das vítimas de violência: Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Isso significa dizer que pesquisadores, ativistas ou mesmo gestores públicos brasileiros não têm ao seu alcance parte significativa dos insumos que são cruciais para pensar em políticas específicas para esse público.

É oportuno lembrar que as desigualdades que atingem de maneira desproporcional essas mulheres não se resumem apenas à violência. Elas permeiam diversas outras áreas, como mercado de trabalho e representação política. Organizações, coletivos e projetos liderados por mulheres negras vêm fazendo um importante papel de construir conhecimento e cobrar estratégias para combater os efeitos do racismo na dificuldade de acesso a políticas.

O enfrentamento da violência cometida contra mulheres e meninas passa por estratégias que possam evitar que ela ocorra e também que garantam apoio e proteção para aquelas que já foram vitimadas. Melhorar a qualidade dos dados é um primeiro passo. Mas é preciso também facilitar o acesso de mulheres negras vítimas de violência a canais de denúncia e programas voltados para capacitação profissional e renda. Outros exemplos de abordagens com resultados positivos são a capacitação de profissionais que atuam no atendimento às vítimas e com homens autores de agressões. Evidências e caminhos possíveis para lidar com a justaposição de vulnerabilidades já estão identificados. É urgente que eles sejam usados por autoridades para tomar ações.

Por Dandara Tinoco, Renata Giannini e Terine Husek

Mulheres negras recebem menos da metade do salário dos homens brancos no Brasil

Negras ganham menos que homens negros, que são mais mal remunerados que mulheres brancas, aponta pesquisa do IBGE, que destaca que homens brancos ocupam o topo da escala de salários do país. Pretos e pardos são dois terços dos desempregados

[\(El País, 13/11/2019 - acesse no site de origem\)](#)

As mulheres pretas ou pardas continuam na base da [desigualdade de renda no Brasil](#). No ano passado, elas receberam, em média, menos da metade dos salários dos homens brancos (44,4%), que ocupam o topo da escala de remuneração no país. Atrás deles, estão as mulheres brancas, que possuem rendimentos superiores não apenas aos das mulheres pretas ou pardas, como também aos dos homens pretos ou pardos. Os dados fazem parte da pesquisa *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça* publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta quarta-feira. O estudo aponta ainda como a desigualdade está presente na distribuição de cargos gerenciais: somente 29,9% deles são exercidos por pessoas pretas e pardas. Quanto mais alto o salário, menor é o número de pessoas pretas e pardas que ocupam esses postos.

[Independentemente do nível de escolaridade](#), pretos e pardos continuam recebendo bem menos que os brancos no Brasil, aponta a pesquisa. No ano passado, o rendimento médio mensal das pessoas ocupadas brancas (2.796 reais) foi 73,9% superior ao das pretas ou pardas (1.608 reais). Os brancos com nível superior completo ganhavam por hora 45% a mais do que os pretos ou pardos com o mesmo nível de instrução.

O recorte em categorias de rendimento, segundo o tipo de ocupação, revelou

também que, tanto na ocupação formal, como na informal, as pessoas pretas ou pardas receberam menos do que as de cor ou raça branca. A diferença salarial entre os dois grupos é, de acordo com o IBGE, um padrão que se repete, ano a ano, na série histórica disponível. A desigualdade de rendimento em favor da população branca ocorreu, segundo a pesquisa, com intensidades distintas nas Grandes Regiões brasileiras em 2018, mas se manteve tanto nos Estados que apresentaram os menores rendimentos —Maranhão, Piauí e Ceará—, quanto nos que registraram os rendimentos mais elevados —Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro.

Desocupados e informais

Além de ganharem menos, pretos ou pardos representam cerca de dois terços da população desocupada ([que hoje passa de 12 milhões de pessoas](#)) e 66,1% do grupo dos subutilizados, que inclui, além dos desocupados, os subocupados e a força de trabalho potencial. Os postos informais também são mais ocupados por esse grupo. Enquanto 34,6% dos trabalhadores brancos estavam em empregos informais, entre os pretos ou pardos o percentual é maior, de 47,3%.

Em relação à distribuição de renda, o levantamento mostra que os pretos ou pardos representavam 75,2% da camada mais pobre do país (formada pelos 10% com menos rendimentos). Dentre os 10% mais ricos, eram apenas 27,7%.

De acordo com o IBGE, as análises do estudo foram concentradas somente nas desigualdades entre brancos, pretos ou pardos devido às restrições estatísticas impostas pela baixa representação dos indígenas e amarelos no total da população brasileira “quando se utilizam dados amostrais”.

Em 2018, 43,1% da população do Brasil era branca, 9,3% era preta e 46,5%, parda. Os três grupos juntos representavam, no ano passado, 99% dos moradores do país.

Por Heloísa Mendonça

Angela Davis e o chamado a “organizar a esperança” no movimento negro brasileiro

Professora emérita da Universidade da Califórnia, a ativista falou para milhares em sua passagem pelo Brasil, conectou-se com diferentes gerações do movimento negro e foi ouvir as mulheres

[\(El País, 01/11/2019 - acesse no site de origem\)](#)

“Em meio a tantas mortes e de tantas dificuldades, acho que é o momento de celebrar a vida”, disse [Conceição Evaristo](#) no palco do Cine Odeon, no [Rio de Janeiro](#). “Fico muito feliz porque eu e [Angela Davis](#) estamos cheias de fé, cheias de potência”, seguiu a escritora mineira. A frase levantou, de novo, os aplausos da plateia na quinta-feira, 24 de outubro. Fez Davis, a poucas cadeiras de distância, abrir mais uma vez o sorriso amplo, em seu derradeiro compromisso na mais recente temporada no Brasil.

Vestidas ambas de azul e amarelo, Davis, 75, e Evaristo, 73 anos, atuavam como espelhos para o movimento negro nas últimas décadas, especialmente para as mulheres negras —nos [Estados Unidos](#) e no Brasil. A conexão entre elas se mostrou no palco e avançou em suas histórias décadas atrás para servir de farol para as meninas negras. A escritora mineira contou como uma foto de Davis, colada “na parede na favela”, havia inspirado ela e suas amigas a aderir [ao cabelo black power](#) nos anos 70. Contou também como mulheres negras, nos anos 30, muito antes da Davis pantera negra nos EUA, lutaram organizadas em mutirão para não ser excluídas do trabalho na lavoura na grande Belo Horizonte.

No palco, a professora emérita do departamento de estudos feministas Universidade da Califórnia e referência global, acentia. Momentos antes, havia discursado: “A era de surgimento de movimentos como *Black lives*

matter e [Me too](#) é realmente uma época maravilhosa para ser jovem, porque os jovens estão assistindo ao desmoronamento de uma série de regras estabelecidas ao longo do tempo para governar, controlar o comportamento humano”, pregou. “Ao mesmo tempo, é uma época maravilhosa para ser velha, porque percebemos que o trabalho desenvolvido ao longo de tantas décadas faz diferença. A intergeracionalidade dá significado à longevidade.”

No Odeon, Angela Davis fez questão de lembrar das outras vezes em que havia se encontrado com [Conceição Evaristo](#) no Brasil. Como em outros momentos na série de conferências, falou do [assassinato da menina Ágatha](#) pela polícia do Rio em setembro, fez referências às dificuldades políticas do Brasil de Jair Bolsonaro e Wilson Witzel. Era também um movimento nítido de aprofundar a conexão e rejeitar a imagem de *pop star* visitante, reforçada nos últimos dias com as concorridas conferências públicas em [São Paulo](#) e no Rio. Na capital fluminense, havia aberto o Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, também com transmissão para a Cinelândia. No auditório do Ibirapuera, amplificada por um telão gigante, havia falado para 15.000 pessoas dias antes. “Olhem para as mulheres negras do Brasil”, pediu em São Paulo, e chamou para si a responsabilidade de fazer circular no mundo rico as ideias e a produção de feministas negras brasileiras, [como Lélia Gonzalez \(1935-1984\)](#).

Foi também no palco do Odeon que Davis evocou [Marielle Franco](#), ungindo a vereadora assassinada em 2018 como símbolo de uma agenda que não pode ser aniquilada. Imaginou-se amiga de Marielle, fazendo toda a plateia pensar no poder que emergiria de uma maior conexão das mulheres negras espalhadas pela diáspora provocada pela escravidão. “Muitas das minhas camaradas tombaram durante a luta. Acredito que seja minha responsabilidade testemunhar em homenagem aos que não estão mais entre nós. E afirmar que se permanecermos na luta, eventualmente, alcançaremos a vitória”, pregou.



Davis na conversa com os ativistas brasileiros em São Paulo. Foto: Coalizão Negra.

Ela terreirizou os espaços

A força da união entre Angela Davis e Conceição Evaristo e as citações de Marielle Franco no Rio foram o sinal mais público de que a norte-americana havia, de fato, *terreirizado* tudo por onde passou. Terreirizar, nas palavras do historiador Luiz Antonio Simas, é imantar os espaços com nossa identidade. Foi esse encantamento e desejo ativo de tecer pontes que Davis levou ao encontro fechado com ativistas de diferentes matizes da [Coalizão Negra por Direitos](#) —entre eles, nós do PerifaConnection— durante a passagem por São Paulo.

Davis fez questão de participar de um encontro de trabalho, na sede do Geledés - Instituto Mulher Negra. De novo, a militante se sobressaía para rejeitar a *pop star*. Na reunião com mais de 30 pessoas de várias entidades e gerações, acordou-se ação permanente para protestar contra a exploração pelos norte-americanos da base espacial de Alcântara, território quilombola no Maranhão onde vivem 800 famílias. “Na tática, a Coalizão é bem parecido com o *Black Lives Matter*”, comparou Davis, citando o movimento norte-americano contra a violência que atinge os negros. Infuente na cena norte-

america, a filósofa se ofereceu para manter contato com a rede brasileira e pensar o “movimento da diáspora contra o racismo”.

“Podemos errar e, tudo bem, mais importante é organizar a nossa esperança”

No Rio, ela também teve encontro privado com mulheres negras, um grupo que incluía parlamentares, como Erica Malunguinho, mas também Vilma Reis, que foi ouvidora da Defensoria Pública da Bahia ou Lúcia Xavier, diretora da ONG Criola. A tônica foi defender uma revolução cotidiana que não perdesse de vista a utopia de uma democracia racial. No horizonte, cobrar uma reparação histórica da escravidão não restrita ao Estado brasileiro, mas que incluía uma ação política antirracista da própria sociedade.

Angela Davis se despediu de sua nova visita ao país deixando um chamado a todas e todos nós, mas principalmente negros que disputam o futuro. A convocatória é para preservar a memória da vida e buscar urgentemente outros significados para os corpos negros. Se democracia nunca chegou para as pessoas negras, o poder que nós queremos construir não pode residir no passado e nos retrocessos, mas tem que mirar a criação da agenda política do futuro. A “ancestral contemporânea” norte-americana, uniu num fio Nilmas Bentes, a histórica ativista paraense, [a parlamentar trans Erica Malunguinho](#) e a novíssima jornalista Isabela Reis, que resumiu nas redes sociais: “Sobre o peso de nosso tempo, Angela colocou para todos nós da nova geração: ‘Podemos errar e, tudo bem, mais importante é organizar a nossa esperança’”.

Por Thuane Nascimento e Jefferson Barbosa

Mulheres, pretos, nordestinos e pessoas sem instrução são os brasileiros com salário mais baixo, mostra IBGE

No ano passado, homens tiveram rendimento médio real de R\$ 2.460 por mês, enquanto as mulheres receberam, em média R\$ 1.938 por mês, ou 21,2% menos.

[\(G1, 16/10/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Mulheres, pretos, nordestinos e pessoas sem instrução escolar são os trabalhadores com os menores salários do Brasil, mostram dados divulgados nesta quarta-feira (16) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em 2018, os homens tiveram rendimento médio real de R\$ 2.460 por mês, enquanto as mulheres receberam, em média R\$ 1.938 por mês, ou 21,2% menos - índice que se manteve em relação a 2017.

Em 2012, início da série histórica, os valores eram de R\$ 2.396 e R\$ 1.765, respectivamente, uma diferença de 26,3%.

O rendimento médio mensal de todos os brasileiros foi de R\$ 2.234 em 2018, o que representou um ligeiro crescimento em relação ao observado em 2017 (R\$ 2.107).

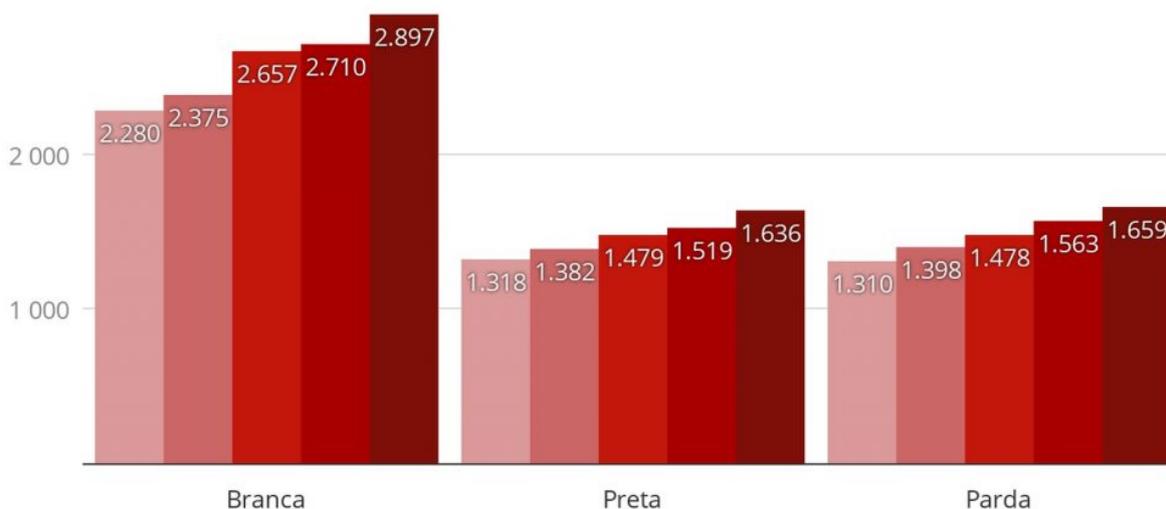
A desigualdade salarial entre gêneros é mais acentuada **nas regiões Sul e Sudeste, onde os homens ganham 28,7% e 26,82% mais do que as mulheres**, respectivamente.

Os números mostram ainda que, apesar de as mulheres serem maioria entre a população em idade de trabalhar (52,3%), os homens representam a maior parcela entre os que de fato trabalham (56,7%).

O levantamento do IBGE aponta também que, no ano passado, **brancos ganharam 42,7% mais que pardos e 43,5% mais que negros** no país. O rendimento mensal médio dos brancos foi de R\$ 2.897, enquanto o de pardos foi de R\$ 1.659 e o de pretos, de R\$ 1.636.

Rendimento mensal por cor ou raça

Em 2018, brancos ganharam 42,7% mais que pardos e 43,5% mais que negros; dados em R\$



Fonte: IBGE

Pessoas com ensino superior ganham o triplo daquelas com nível médio

Há ainda grandes lacunas salariais entre pessoas com diferentes níveis de escolaridade. Profissionais com ensino superior completo receberam em média R\$ 4.997 em 2018, quase três vezes mais que aqueles com ensino médio completo (R\$ 1.755) e quase seis vezes mais do que os trabalhadores sem instrução (R\$ 856).

As disparidades também são relevantes regionalmente. Em 2018, profissionais do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul receberam mensalmente em média R\$ 2.572, R\$ 2.480 e R\$ 2.428, respectivamente. Já os do Norte e Nordeste ganharam e 1.735 e R\$ 1.497, respectivamente. A diferença chega a 41,7% entre Sudeste e Nordeste, os dois extremos.

No ano passado, o Nordeste foi a única região a ter redução no rendimento médio mensal de todos os trabalhos. A queda foi de 1,3% em relação a 2017. Já o Norte e o Sudeste tiveram as maiores altas, com avanço de 5,6% e 3,8%, respectivamente.

Aumento da desigualdade

A pesquisa do IBGE mostra que [concentração de renda voltou a piorar em 2018 e que o índice que mede a desigualdade foi o maior da série histórica, iniciada em 2012.](#)

No ano passado, o índice de Gini, que mede a concentração e desigualdade de renda, subiu para 0,509, depois de ficar estável nos dois anos anteriores, quando foi de 0,501. O número é o maior da série iniciada em 2012, e leva em conta o rendimento médio dos brasileiros para todos os trabalhos.

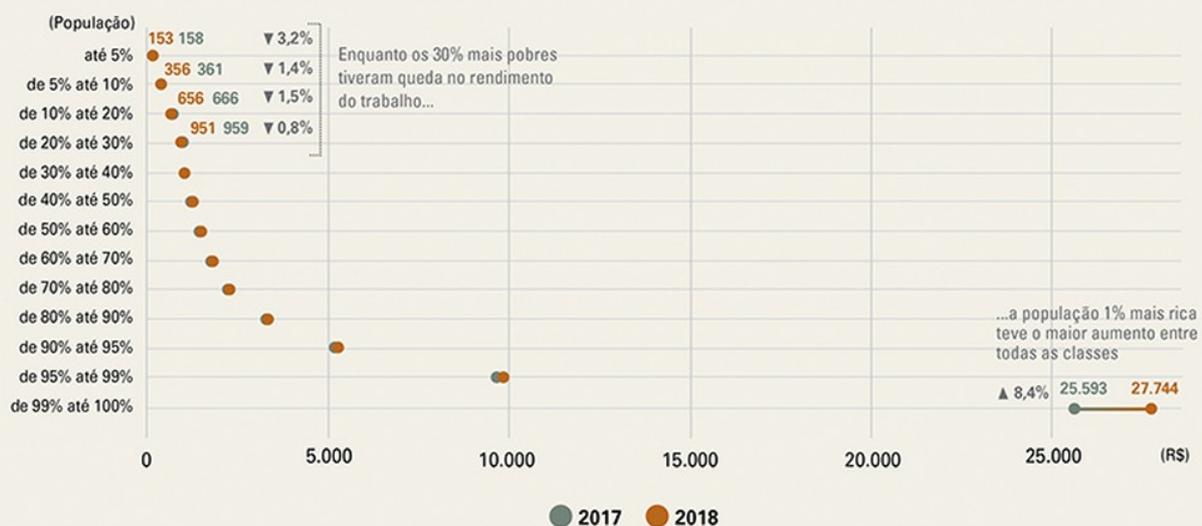
O índice de Gini varia de zero a 1. Quanto mais próximo de zero, mais perfeita é a distribuição de renda de um país. Quanto mais perto de 1, mais desigual é uma economia. Ao longo dos últimos anos, o melhor resultado para o índice de Gini foi observado em 2015, quando marcou 0,494.

“Essas variações no índice de Gini têm muito a ver com as flutuações na renda dos mais ricos”, afirmou a analista do IBGE, Adriana Beringuy.

Os números do IBGE mostram que o **rendimento médio do grupo de 1% mais ricos do país cresceu 8,4% em 2018, enquanto o dos 5% mais pobres caiu 3,2%.**

Rendimento médio mensal do trabalho

Distribuição da população por classe de renda



Por Por Luísa Melo